

JENNIFER SAINT



Planeta minotauro

ARIADNE

Princesa. Irmã de um monstro. Amante de deuses e heróis.

 Planeta minotauro

JENNIFER SAINT

ARIADNE

Tradução
Fernanda Cosenza



Copyright © Jennifer Saint, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Fernanda Cosenza
Todos os direitos reservados.
Título original: *Ariadne*

Preparação: Bárbara Parente
Revisão: Maitê Zickuhr e Bianca Oliveira
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli
Capa: Joanna O'Neill
Adaptação de capa: Beatriz Borges
Imagens de capa: cabelo: © Alpha-C/Getty Images; pilastras: © VikiVector/ Getty Images;
raios de sol: © Tamiris6/Getty Images; rosto: © justr/ Getty Images;
videiras: © Masha Minaeva/Shutterstock.com

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Saint, Jennifer
Ariadne / Jennifer Saint; tradução de Fernanda Cosenza. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2022.
352 p.

ISBN 978-65-5535-821-6

Título original: *Ariadne*

1. Ficção inglesa 2. Ariadne (Personagem fictício) 3. Mitologia grega
I. Título II. Cosenza, Fernanda

22-4493

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Planeta minotauro

PARTE I

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1

Eu sou Ariadne, princesa de Creta, embora a minha história nos leve para muito longe da costa rochosa de onde vim. Meu pai, Minos, gostava de me contar essa história, de como sua conduta moral irrepreensível lhe rendera a conquista de Mégara, a subserviência de Atenas e a chance de ilustrar com clareza seu discernimento impecável.

Diz a lenda que, no instante do afogamento, Cila se transformou em uma gaivota. Em vez de ser libertada daquele destino cruel, ela passou a ser perseguida de modo implacável pela águia rajada de carmesim, empenhada em se vingar por toda a eternidade. Eu não duvido de que houvesse verdade nisso, pois os deuses sempre gostaram de um espetáculo prolongado de sofrimento.

Mas, quando eu pensava em Cila, via aquela garota ingênua e humana lutando para respirar entre a espuma das ondas agitadas, no rastro da embarcação de meu pai. Eu a via sendo puxada para baixo no tumulto das águas, não apenas pelas correntes de ferro com que meu pai a prendera, mas também pelo peso da terrível verdade de que ela havia sacrificado tudo que conhecia por um amor tão efêmero e transitório quanto os arco-íris que cintilavam sobre os respingos do mar.

Sei que os esforços sangrentos de meu pai não se limitaram a Cila ou Niso. Ele cobrava um preço terrível pela paz de Atenas. Zeus, o governante feroz e todo-poderoso dos deuses, que apreciava a força nos mortais, favoreceu seu protegido Minos com a dádiva de uma praga que varreu Atenas numa tempestade de doença, agonia, morte e pesar. Os gritos deviam ter preenchido o ar à medida que as mães viam

os filhos adoecerem e morrerem diante de seus olhos, os soldados desabavam nos campos de batalha, e a poderosa cidade – cuja força provinha, como em todas as outras cidades, da fraca carne humana – começou a afundar sob as pilhas de cadáveres que a praga de meu pai gerava. Não tiveram outra escolha a não ser ceder às exigências dele.

No entanto, não era riqueza nem poder o que Minos queria de Atenas. Era um tributo – sete rapazes e sete donzelas atenienses, que todos os anos atravessavam as ondas até Creta para saciar o apetite da monstruosidade que ameaçara cobrir minha família de vergonha, mas que, em vez disso, havia nos elevado ao patamar de lendas. O rugido da criatura fazia o piso de nosso palácio estremecer quando a época da refeição anual se aproximava, mesmo estando ela escondida muito abaixo do solo, no centro de um labirinto mantido na penumbra, tão vertiginoso que ninguém que entrasse nele era capaz de encontrar o caminho de volta para a luz do sol.

Um labirinto cujo segredo só eu conhecia.

Um labirinto que abrigava ao mesmo tempo a maior humilhação e o maior trunfo de Minos.

Meu irmão, o Minotauro.

Planeta minotauro



Quando eu era criança, os caminhos e as curvas do palácio de Cnossos exerciam em mim um fascínio infinito. Eu serpenteava pela assombrosa variedade de cômodos, deslizando a palma da mão pelas paredes lisas e vermelhas enquanto vagava pelos corredores sinuosos. Meus dedos traçavam o contorno do lábris – o machado de lâmina dupla gravado em cada uma das pedras. Descobri mais tarde que, para Minos, o lábris representava o poder de Zeus usado para evocar o trovão, uma poderosa demonstração de autoridade. Aos meus olhos, enquanto eu corria pelo labirinto de meu lar, ele parecia uma borboleta. E era na borboleta que eu pensava ao emergir do casulo penumbroso do interior do palácio para o amplo e glorioso pátio banhado de sol. No centro havia um enorme círculo polido e brilhante, e foi ali que passei as horas mais felizes da minha juventude. Girando e zigzagueando num balé hipnótico, criando uma tapeçaria invisível com os pés pelo chão

daquela minha pista de dança: um milagre de madeira entalhada, uma proeza magnífica de Dédalo, o renomado artesão. Embora, evidentemente, essa não fosse se tornar a mais famosa de suas invenções.

Eu o observara durante a construção daquele piso; uma garota ansiosa, espiando por cima do ombro dele com impaciência para ver o projeto concluído, sem perceber que estava testemunhando a arte de um inventor cuja fama se espalharia por toda a Grécia. Talvez até mesmo pelo resto do mundo, embora eu não soubesse muito sobre o mundo – na verdade, eu pouco sabia sobre qualquer coisa além dos muros de nosso palácio. Ainda que mais de dez anos tenham se passado, quando me lembro de Dédalo, vejo um homem jovem cheio de energia e de fogo criativo. Enquanto eu o via trabalhar, ele me contava como tinha aprendido seu ofício ao viajar por muitos lugares, até seu talento extraordinário chamar a atenção de meu pai, que lhe oferecera uma bela compensação para mantê-lo ali. Dédalo havia estado em toda parte, e eu absorvia cada uma de suas palavras quando ele descrevia a areia escaldante dos desertos egípcios ou os reinos inacreditavelmente distantes de Ilíria e Núbia. Embora eu visse os navios partindo da costa de Creta, com seus mastros e velas construídos sob a supervisão habilidosa de Dédalo, podia apenas imaginar qual seria a sensação de cruzar o oceano a bordo de um deles, de sentir as tábuas de madeira estalando sob meus pés enquanto as ondas assobiavam e se chocavam contra o casco.

Nosso palácio era cheio das criações de Dédalo. As estátuas que ele esculpia pareciam tão vivas que, não fossem as correntes que as mantinham presas às paredes, talvez saíssem andando por aí. Seus primorosos cordões de finos elos dourados brilhavam no pescoço e nos pulsos de minha mãe. Um dia, percebendo meu olhar de cobiça, ele me presenteou com um delicado pingente de ouro – duas abelhas entrelaçadas em volta de um pequenino favo de mel. Quando a joia reluzia ao sol, tão opulenta e lustrosa, eu achava que as minúsculas gotas de mel iriam derreter e escorrer no calor.

— Para você, Ariadne. — Ele sempre falava comigo num tom sério, e eu gostava disso.

Não me sentia uma criança chata, a filha que jamais comandaria uma frota de navios ou conquistaria um reino, e que por isso era de

pouco interesse ou utilidade para Minos. Se Dédalo fazia aquilo apenas para me agradar eu nunca soube, mas sempre tive a sensação de que conversávamos de igual para igual.

Peguei o pingente com um ar curioso, virando-o entre os dedos, maravilhada com sua beleza.

— Por que abelhas? — perguntei.

Dédalo virou as palmas da mão para cima e deu de ombros, sorrindo.

— Por que não abelhas? — disse ele. — As abelhas são queridas por todos os deuses. Foram elas que alimentaram com seu mel o jovem Zeus escondido na caverna, enquanto ele ficava forte o bastante para derrotar os poderosos Titãs. As abelhas produzem o mel que Dioniso mistura com seu vinho para adoçá-lo e torná-lo irresistível. Dizem que até o monstruoso Cérbero, guardião do Submundo, pode ser domado com um bolo de mel! Com esse pingente no pescoço, você será capaz de dobrar qualquer um à sua vontade.

Nem precisei perguntar quem eu precisaria dobrar à minha vontade. Toda Creta se sujeitava ao juízo implacável de Minos. Eu sabia que nem o enxame mais poderoso de abelhas seria suficiente para movê-lo o mínimo que fosse, mas ainda assim fiquei encantada com o presente e passei a usá-lo o tempo todo. Ele reluzia orgulhosamente em meu pescoço quando fomos ao casamento de Dédalo, um banquete abundante oferecido por meu pai, que estava muito satisfeito pela união de Dédalo com uma filha de Creta. Mais uma ligação para mantê-lo ali, permitindo que Minos se gabasse de seu aclamado inventor. Com a morte da esposa durante o parto do filho, menos de um ano após o casamento, Dédalo encontrou consolo no bebê, Ícaro, e eu adorava vê-lo embalando o menino nos braços, mostrando à criança distraída as flores, os pássaros e as muitas maravilhas do palácio. Fascinada por ele, minha irmã mais nova, Fedra, o seguia com o passinho cambaleante, e quando eu me cansava de desviá-la dos tantos perigos que pudesse encontrar pelo caminho, deixava Dédalo com os dois e voltava para o amplo círculo da minha pista de dança.

No começo, minha mãe, Pasífae, dançava comigo; na verdade, foi ela que me ensinou. Não as sequências de passos formais; em vez disso, ela me ofereceu a dádiva de criar formas fluidas e sinuosas a partir de movimentos loucos e caóticos. Eu ficava observando como ela se

lançava à música, um frenesi gracioso, e fazia igual. Ela transformava aquilo numa brincadeira para mim, enumerando constelações para que eu as traçasse com os pés sobre o piso, formações estelares sobre as quais ela tecia tanto histórias quanto passos de dança.

— Órion! — dizia ela, e eu começava a pular freneticamente de uma posição a outra, imaginando os pontos de luz que formavam o caçador condenado no céu. — Ártemis o colocou ali para que pudesse olhar para ele todas as noites — confidenciou ela quando nos jogamos no chão juntas para recuperar o fôlego. — Ártemis era uma deusa virgem, defensora fervorosa de sua castidade — Pasífae me explicou. — Mas ela favorecia Órion, um homem mortal, companheiro de caça cuja habilidade quase se igualava à dela.

Posição perigosa para um humano. Os deuses podiam até apreciar as habilidades dos mortais na caça, na música ou na tecelagem, mas estavam sempre vigilantes quanto à arrogância, e ai do homem cujo talento se aproximasse daquele dos deuses. Se havia uma coisa que os imortais não toleravam era a inferioridade em relação a quem quer que fosse.

— Decido a rivalizar com a habilidade prodigiosa de Ártemis, Órion ficou desesperado para impressioná-la — continuou minha mãe. Lançou um olhar para onde Fedra e Ícaro estavam brincando, no limiar do piso de madeira. Os dois eram inseparáveis na maior parte do tempo, e Fedra ficava extasiada com a chance de ser a irmã mais velha para variar, tendo alguém menor a quem pudesse dar ordens. Percebendo que eles estavam entretidos com a brincadeira e não prestavam atenção em nossa conversa, Pasífae retomou a história. — Talvez na esperança de fazê-la quebrar seu voto celibatário, ele acreditava que conquistaria a admiração dela matando um número suficiente de criaturas. Então os dois vieram até aqui, até Creta, para uma grande caçada. Dia após dia, abateram os animais da ilha e dispuseram os corpos em pilhas altas como montanhas para atestar sua proeza. Mas Gaia, a mãe de todas as coisas, foi despertada de seus sonhos tranquilos pelo sangue que encharcava o solo, e ficou horrorizada com a carnificina que Órion estava empenhado em realizar com sua adorada deusa. Gaia temia que ele de fato aniquilasse todos os seres vivos, como se gabava a Ártemis que faria, embriagado pelo próprio frenesi. Então Gaia evocou, de sua câmara subterrânea secreta, uma de suas criações: o escorpião colossal,

que ela lançou em direção ao orgulhoso Órion. Ninguém nunca vira uma criatura daquelas. O exoesqueleto cintilava como obsidiana polida. Cada uma das enormes garras em forma de pinça tinha o tamanho de um homem adulto, e o rabo ameaçador que se curvava em direção ao céu sem nuvens bloqueava a luz de Hélio, lançando uma sombra escura e monstruosa à frente.

Eu estremecia ouvindo a descrição da besta lendária, fechando os olhos bem apertados ao imaginá-la assomando diante de mim, de uma feiura e crueldade inimagináveis.

— Órion não teve medo — continuou Pasífae. — Ou pelo menos não demonstrou. Mesmo assim, não era páreo para o monstro, e Ártemis não interveio para livrá-lo das garras do poderoso escorpião... — Aqui ela fez uma pausa, e seu silêncio pintou uma imagem mais vívida dos esforços inúteis de Órion do que as palavras jamais poderiam ter feito. Retomou a história depois de um instante em que pude ver a vida sendo arrancada dele, por fim subjugado e exposto em sua fraqueza humana, extenuado pelas tentativas de se manter tanto tempo no nível dos deuses tendo uma constituição mortal. — Ártemis lamentou a perda do companheiro, por isso recolheu os resquícios do corpo dele que haviam se espalhado por Creta e os colocou no céu para queimarem na escuridão, assim ela poderia olhar para ele todas as noites quando saísse com seu arco de prata, sozinha, mantendo intactas a própria virtude e supremacia.

Havia muitas histórias como essa. O céu noturno parecia abarrotado de mortais que tiveram contato com deuses e que agora ardiavam para o mundo lá embaixo como exemplos do que os imortais eram capazes de fazer. Naquela época, minha mãe mergulhava nessas narrativas da mesma forma que na dança, com um desprendimento selvagem, antes de perceber que esses prazeres inocentes seriam tomados como evidências de seu excessivo descontrole. Não tinham ainda começado a acusá-la de ser devassa, pouco feminina ou ter sentimentos anormais, então ela dançava comigo sem reservas, enquanto Fedra e Ícaro brincavam juntos, absortos num jogo qualquer, num mundo que eles mesmos criavam. O único julgamento que tínhamos a temer era a racionalidade fria e insensível de meu pai. Mas podíamos dançar juntas, mãe e filha, para afastar o medo.

Quando me tornei moça, porém, eu já dançava sozinha. O barulho de meus pés batendo na madeira brilhante criava um ritmo no qual eu me perdia, uma dança espiralada capaz de me consumir. Mesmo sem música, o som abafava os rugidos distantes ribombando sob os nossos pés e o ruído de cascos imensos movendo-se muito abaixo do solo, no centro da construção que havia consolidado definitivamente a fama de Dédalo. Eu esticava bem os braços para cima, em direção ao céu tranquilo, e durante aquela dança esquecia os horrores que viviam lá embaixo.

Isso nos leva a outra história, uma que Minos não gostava de contar. De um tempo no início de seu reinado, quando, sendo um de três irmãos que rivalizavam entre si, estava desesperado para provar seu valor. Ele pediu a Posêidon que lhe mandasse um touro magnífico e jurou de pés juntos que sacrificaria o animal para honrar o deus dos mares, garantindo assim, de uma só vez, tanto a boa vontade de Posêidon quanto a própria autoridade em Creta.

Posêidon enviou-lhe o touro, o aval divino que legitimava o governo de Minos sobre Creta, mas sua beleza era tanta que meu pai achou que poderia enganar o deus, sacrificando outro animal, bem inferior, para ficar com o touro cretense para si. Insultado e enfurecido por ter sido desafiado, o deus dos mares planejou sua vingança.

Minha mãe, Pasífae, é uma das filhas de Hélio, o grande deus do sol. Diferente do fulgor escaldante de meu avô, ela irradiava uma suave cintilância dourada. Eu me lembro dos raios delicados de seus olhos num tom peculiar de bronze, do calor veranil de seu abraço e do clarão liquefeito de sua risada. Nos dias da minha infância em que ela ainda olhava para mim, e não através de mim. Ela infundia o mundo com seu brilho; antes de se tornar uma placa translúcida de vidro que refratava a luz, mas que jamais voltou a derramar seus preciosos raios luminosos. Antes de pagar o preço pela injúria do marido.

Coberto de sal e de pequenos crustáceos, Posêidon se ergueu das profundezas do oceano com um poderoso jato salgado de fúria. Direcionou a polidez prateada de sua vingança não a Minos, o homem que tentara enganá-lo e desonrá-lo, mas à minha mãe, a rainha de Creta, instilando nela uma paixão ensandecida pelo touro. O desejo a tornou astuta e traiçoeira, e, tomada por uma luxúria animalesca, ela persuadiu o desavisado Dédalo a criar uma vaca de madeira tão convincente

que o touro se enganou e montou, ao mesmo tempo, nesta e na rainha tresloucada escondida ali dentro.

A união era tema proibido do falatório cretense, mas alguns rumores chegaram até mim, envolvendo-me nos tentáculos maldosos da zombaria. A fofoca veio de bandeja para os nobres rancorosos, os mercadores debochados, os escravos infelizes, as garotas transtornadas com o fascínio macabro daquele horror, os rapazes deslumbrados com a ousadia aberrante da coisa toda – os cochichos e mexericos, os sibilos de desaprovação e as risadinhas de escárnio foram levados pelo vento até cada canto do palácio. Posêidon, ao mesmo tempo em que parecia ter errado o alvo, havia desferido o golpe com uma precisão mortal. O fato de ter sido poupado enquanto sua esposa caía naquela desgraça tão grotesca humilhou Minos – traído com uma besta estúpida e casado com uma mulher ensandecida por desejos anormais.

Pasífae era linda, e sua ascendência divina representava um magnífico dote de casamento para Minos. Havia sido justamente a delicadeza, o refinamento e a doçura que fizeram dela o orgulho do rei, e por isso mesmo sua degradação devia ser tão prazerosa para Posêidon. Se você tivesse algo que lhe desse orgulho, que elevasse sua posição acima dos outros mortais, me parecia ser essa a coisa que os deuses mais se deleitavam em arruinar. Certa manhã, não muito tempo depois da ruína de Pasífae, fiquei pensando nisso. Enquanto penteava as madeixas longas e sedosas de minha irmã mais nova, um atributo que ambas herdáramos de nossa mãe radiante, comecei a chorar; assustada, percebi que cada uma daquelas mechas douradas era um chamariz para os colossos divinos que pisavam os céus, e que eles poderiam tomar nossos pequenos triunfos e fazê-los em pedacinhos entre seus dedos imortais.

Minha aia, Irene, me encontrou soluçando nos cabelos de uma Fedra um tanto confusa.

— Ariadne — chamou ela baixinho. Devia estar com pena de mim pela forma especialmente grotesca como a minha inocência infantil havia sido abalada. — O que aconteceu?

Com certeza achou que eu chorava pela vergonha de minha mãe, mas eu tinha o pensamento autocentrado de uma criança e, naquele momento, temia por mim.

— E se os deuses... — Eu soluçava entre as lágrimas. — E se eles levarem o meu cabelo e me deixarem feia e careca?

Talvez Irene tenha contido um sorriso, mas não deixou que eu percebesse. Em vez disso, me afastou de Fedra com delicadeza e pegou o pente das minhas mãos.

— E por que eles fariam uma coisa dessas?

— Se o meu pai irritar os deuses outra vez! — eu gritei. — Eles podem pegar o meu cabelo para que ele sinta vergonha de ter uma filha horrorosa.

Fedra franziu o nariz.

— Uma princesa não pode ser careca — disse ela decidida.

Uma princesa careca seria inútil. Minos sempre falava sobre o casamento que eu teria um dia; uma união gloriosa que encheria Creta de honra. Ele não devia ter se gabado disso. A compreensão arrepiante me gelou até os ossos. Como eu poderia me defender de seus erros? Se os deuses ofendidos por ele tinham atacado sua esposa, por que não sua filha?

Senti uma mudança em Irene quando ela se sentou ao meu lado. Minhas palavras a haviam surpreendido. Sem dúvida, ela esperava que eu estivesse contrariada por causa de uma bobagem qualquer, um detalhe que ela poderia fazer desaparecer feito a bruma se dissolvendo ao toque róseo da aurora. O que eu não sabia era que havia me deparado com a realidade de ser mulher: por mais que levássemos uma vida irrepreensível, as paixões e a cobiça dos homens poderiam nos levar à ruína, e não havia nada que pudéssemos fazer.

Irene não podia negar essa verdade. Então ela nos contou uma história. A de um herói valoroso, Perseu, nascido do raio dourado de Zeus, ao visitar a adorável e solitária Dânae presa em sua câmara de bronze, de onde, por uma abertura no teto, podia olhar apenas para o céu. Ele cresceu um filho digno do pai brilhante e, como todos os heróis devem fazer, derrotou um monstro terrível e livrou o mundo de sua devastação. Já conhecíamos a história de como ele cortara o pescoço da górgona, Medusa, e ficávamos entusiasmadas na parte em que as serpentes que cresciam daquela cabeça medonha se contorciam, cuspidando e assobian-do, enquanto ele brandia a espada magnífica. Os relatos de seu feito tinham chegado só recentemente à nossa corte, e todos ficamos maravilhados com a coragem dele, estremeçando ao imaginar o escudo que

agora exibia a cabeça da górgona e transformava em pedra qualquer um que olhasse para ele.

Mas Irene não falou sobre Perseu nesse dia. Em vez disso, ela nos contou como Medusa ganhara sua coroa de serpentes e seu olhar petrificante. Era uma história que eu talvez precisasse ouvir nos últimos tempos. Meu mundo não era mais o dos bravos heróis; eu estava aprendendo um tanto depressa sobre a dor das mulheres que pulsava, de forma implícita, nos relatos daqueles feitos.

— Medusa era linda — Irene nos disse. Ela tinha deixado o pente de lado, e Fedra subiu em seu colo para escutar. Minha irmã quase nunca sossegava, mas histórias tinham o poder de mantê-la entretida. — Minha mãe a viu uma vez, em um grande festival em homenagem a Atena, a certa distância, mas consegui reconhecer Medusa pelo cabelo glorioso. Ele brilhava como um rio, e ninguém teria confundido aquela donzela com nenhuma outra. Mas ao crescer e se tornar uma moça arrebatadora, ela jurou permanecer casta, e ria na cara dos pretendentes que imploravam por sua mão... — Irene fez uma pausa, como se tivesse de escolher as palavras com cuidado. E tinha mesmo, pois sabia que aquela narrativa não era apropriada para jovens princesas. Ela devia ter lá seus motivos, porque nos contou a história mesmo assim. — No templo de Atena, apresentou-se um pretendente que ela não podia ridicularizar nem evitar. O poderoso Posêidon desejava a bela garota para si e não quis nem saber de seus gritos e súplicas, tampouco teve qualquer problema em profanar o templo sagrado onde estavam. — Irene inspirou lenta e profundamente.

Minhas lágrimas já tinham parado de correr, e eu escutava com atenção. Só ouvira dizer que Medusa era um monstro. Nunca me ocorrera que ela poderia ter sido qualquer outra coisa. As lendas sobre Perseu não abriam espaço para que Medusa tivesse a sua própria versão.

— Atena ficou furiosa — Irene continuou. — Sendo ela mesma uma deusa virgem, não tolerava um crime tão obsceno em seu próprio templo. Precisava punir a garota, tão indecente a ponto de se deixar dominar por Posêidon e, com aquele erro, ofender a sensibilidade de Atena de forma tão vil.

Foi Medusa que teve de pagar pelo ato de Posêidon. Não fazia o menor sentido, mas então mudei meu ponto de vista para enxergar a

situação segundo a lógica dos deuses. As peças se encaixaram: um quadro horrível quando visto pela perspectiva mortal, do mesmo jeito que a beleza de uma teia de aranha deve parecer aterrorizante para uma mosca.

— Atena atingiu o cabelo de Medusa e a coroou, no lugar dele, com serpentes vivas. Tirou sua beleza e deixou seu rosto com uma aparência tão horrenda que transformaria em pedra quem olhasse para ela. E assim Medusa se revoltou, deixando estátuas por onde passava, estátuas cujas fisionomias ficavam para sempre congeladas numa expressão de repulsa e horror. Com o mesmo fervor com que um dia a desejaram, os homens agora a temiam e fugiam dela. Ela se vingou uma centena de vezes antes de Perseu decapitá-la.

Balancei a cabeça, emudecida de choque.

— Por que você está nos contando isso, Irene, em vez das histórias de sempre?

Ela acariciou meu cabelo, mas seus olhos estavam fixos num ponto distante.

— Achei que estava na hora de vocês conhecerem algo diferente — respondeu ela.

Carreguei aquela história comigo pelos dias que se seguiram e a analisei por diferentes ângulos, como o caroço de um pêssego maduro: a surpresa do choque duro e inesperado no centro de tudo. Eu não podia ignorar os paralelos entre Medusa e Pasífae. Ambas pagaram o preço pelo erro de outra pessoa. Mas Pasífae encolhia e se tornava menor a cada dia, mesmo à medida que sua barriga crescia e se esticava num formato bizarro com aquele bebê estranho. Ela não levantava os olhos do chão, não abria a boca para falar. Não era como Medusa, exibindo sua agonia sob a forma de serpentes que gritavam e se desenrolavam furiosamente de sua cabeça. Em vez disso, ela se recolheu até um canto inalcançável da alma. Minha mãe não passava de uma concha muito fina, quase transparente, sobre a areia, reduzida a quase nada pela arrebentação das ondas.

Se um dia chegasse a isso, decidi que eu seria Medusa. Se os deuses me responsabilizassem pelos pecados de outra pessoa, se resolvessem me punir pelas ações de um homem, eu não me esconderia como Pasífae. Vestiria aquela coroa de serpentes, e o mundo é que se encolheria diante de mim.